

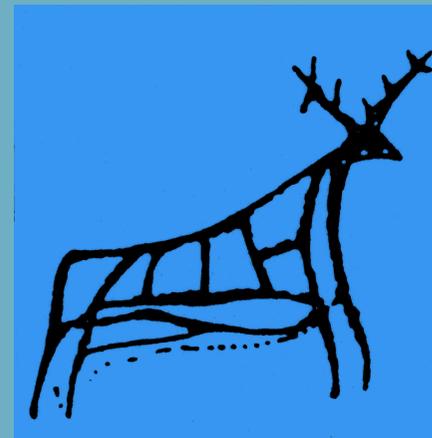
ACAFA

Nº 4 (2011)  On-line

NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

40 anos depois...

Depoimento de Vítor Serrão



Vila Velha de Ródão, 2011

Quarenta anos depois...

Foi há quarenta anos e parece-me ainda tão próximo! A descoberta ocasional de um conjunto de gravuras pré-históricas nas margens do rio Tejo, no lugar de Fratel, em Outubro de 1971, despoletou o processo. Coube aos jovens Francisco Sande Lemos, Maria de los Angeles Querol e o saudoso Jorge Pinho Monteiro, e a um arqueólogo experiente, o Dr. Eduardo da Cunha Serrão, localizar e dar a conhecer (seguindo uma informação de Paulo Caratão Soromenho) os primeiros petróglifos taganos, com fabulosas representações de cervídeos, antropomorfos, meandros e outras formas geométricas de complexa simbologia, inscritas há milhares de anos nas placas xisto-grauváquicas das margens do grande rio.

Não participei nessa campanha do GEPP (grupo de estudos do Paleolítico português) mas nas dez seguintes: as de 1972, de 1973, de 1974. Por iniciativa dos descobridores, enquadrados pelo Cunha Serrão de saudosa memória e, mais efemeramente, pelo Dr. Vitor Oliveira Jorge (prestes a partir para Angola), foram integrados na equipa de

campo meia dúzia de jovens estudantes de História da Faculdade de Letras de Lisboa, em que eu me inseri. Tinha dezanove anos e recordo, como hoje, o impacto da primeira viagem de comboio a Vila Velha de Ródão num percurso sobranceiro ao rio, o impacto da primeira visão das ciclópicas Portas de Ródão com o Castelo do Rei Wamba a coroar a montanha, a estadia numa velha pensão da vila (onde ficámos meses a fio), os muitos quilómetros percorridos a pé, de mochila às costas e entusiasmo indescritível, no afã de localizar mais núcleos com gravuras, de pacientemente as desenhar, fotografar, numerar, fichar e produzir os respectivos moldes a latex e tarlatana, através de uma metodologia que nesse tempo era considerada de ponta...

Foi no vale do Tejo que comecei este Diário. Passaram quatro decénios e duzentos e vinte volumes de anotações quotidianas: vida, trabalhos, notas de campo, alegrias, dúvidas, pequenos sucessos e misérias, indagações, e sempre este afã de saber mais, registando sempre. Foi com o complexo de arte rupestre do vale do Tejo que me fiz historiador de arte: o estudo das formas milenares das gravuras rupestres, expressão intensa de simbologia complexa mas de resultado estético imperecível, abriu-me a sensibilidade para aprofundar o que já então

era paixão sedimentada de adolescente: o estudo da pintura portuguesa do século XVI, o Renascimento e o Maneirismo, de seguida alargado a fenómenos artísticos globais da Idade Moderna, à iconologia, à teoria das artes – em que continuo hoje a trabalhar e a leccionar. Ver arte, sentir a arte, aprendi-o como ofício amadurecido entre as rochas das margens do Tejo, desde a fronteira do chamado Tejo Internacional e dos rios Erges e Aravil, às «estações» de São Simão e do Cachão do Algarve, a montante, até Fratel, e ao Ocreza, este fora já da área do leito do rio que a albufeira da barragem iria submergir. Aprendi-o na companhia de jovens colegas e amigos que já eram fundamentalmente arqueólogos e que a esta ciência se dedicaram nos anos seguintes: o Jorge Pinho Monteiro (que era espírito brilhante, até que a morte o levou prematura, cruelmente, num mistério sem resolução), o Francisco Sande Lemos, o António Martinho Baptista (hoje, no Museu do Côa e, antes, na direcção do Centro Nacional de Arte Rupestre, autoridade de prestígio internacional no campo da arte pré-histórica), a Manuela Martins, o António Carlos Silva (o bardo do grupo), a Teresa Marques, o Luís Raposo (hoje, director do Museu Nacional de Arqueologia), o Mário Varela Gomes, e os muito jovens rodanenses João Carlos Caninas e Francisco José Ribeiro Henriques (o 'bacaninha'), que conhecemos logo nas primeiras campanhas como

entusiastas pesquisadores dos segredos do grande rio, e cujo empenho prossegue, tantos anos depois, com a Associação de Estudos do Alto Tejo, que fundaram. Com estes, e com outros colegas de presença mais efémera nas campanhas cuja presença registo no fundo da memória e nas notas dos meus primeiros diários (passaram pelas campanhas, nas Páscoas e Verões de 1972-75, três dezenas de jovens estudiosos), fui descobrindo a arte pré-histórica dessas comunidades que aí habitaram há milhares de anos, e desvendando algumas luzes dos seus programas artísticos e dos seus sistemas de representação: animais, rituais propiciatórios de caça, círculos e meandros, antropomorfos e ídolos, troféus, máscaras e armas – em suma, um verdadeiro culto ao grande rio, centro nevrálgico de uma vivência e um primeiro referencial religioso desses povos arcanos.

Nos meus diários de então, registo momentos deslumbrantes de primeiro contacto com rochas integralmente cobertas de petróglifos em complexas composições como tal pensadas por artistas, e as boas discussões havidas com o António, o Jorge, o Francisco, e os outros para se perceber um pouco mais os sentidos das formas, se situarem fases cronológicas, se pulsar a importância científica dos achados – muito mais relevantes do que, na nossa ingenuidade de adolescentes

deslumbrados, se poderia pensar. Eu nunca tinha ouvido falar de Mont Bego, pouco de Vale Camonica e de outros acervos de arte pré-histórica europeia ao ar livre, e foi nos quentes serões da pensão de Vila Velha (Pensão Castelo) que se discutiram ideias, se projectaram imagens e se analisaram livros que o Jorge e o Dr. Serrão mandavam de Lisboa (como André Leroy Gourhan, e Lévi Strauss, e Marx), que alargava conhecimentos sobre arte rupestre e dava paralelos que faziam pensar. Preparavam-se as campanhas seguintes, os grupos de campo, e foi este ambiente de escola viva que permitiu os sucessos ulteriores, desde as comunicações científicas a congressos internacionais, ao famoso livro de 1981 do António Martinho sobre a Rocha F-155 de Fratel e as origens da arte do Tejo (o primeiro ensaio português feito sobre arte rupestre numa perspectiva iconológica), e à recentíssima e monumental tese doutoral de Mário Varela Gomes sobre a arte tagana, defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

São, em suma, quarenta anos de descobertas de arte pré-histórica, e de descoberta de nós próprios, de novos saberes, reflexões e generosidades partilhadas. O enchimento da Barragem de Fratel, cuja albufeira iria cobrir grande parte da arte rupestre, acelerou o levantamento de campo, a moldagem das rochas gravadas (eram, e

são, dezenas de milhares!) e a sua fotografia quase integral. Os fotógrafos Manuel José de Palma, de saudosa evocação, e o infatigável trabalho nocturno de José Pessoa, estão vivos na minha memória, com as noites gélidas de campanha junto ao rio, com equipamento pesadíssimo. O trabalho deste pequeno grupo de jovens que a si próprio se chamavam pré-historiadores de arte abriu caminho a um conceito que vingou: de facto, o António Martinho, o Luís Raposo, o Mário, o Francisco, a Manuela, a Teresa, o António Carlos ed alii, são de direito pleno pré-historiadores de arte.

Eu segui um outro caminho, como disse. Sou historiador de arte e estudo, entre outras coisas, a produção artística dos séculos XVI a XVIII. Mas como todas as obras de arte são contemporâneas – como costume dizer e defender –, pelo menos na dimensão em que elas são fruíveis em pleno, renovando olhares cúmplices e suscitando paixões intensas (ontem, hoje, amanhã), também eu me revejo um pouco ligado a este cendal de descobrimentos totais sob o signo do grande rio, do seu caudal volumoso com suas cachoeiras sinuosas em que nos perdemos, com pescadores que tudo sabiam (recordo o velho sábio mestre Carepa), com o castelo de Wamba no cimo do monte, e as capelas e igrejas da zona Vila Velha-Montalvão-Nisa, que calcorreei

com o António, o Francisco, a Teresa, o Henriques, oferecendo-nos o fascínio de outras artes, as imagens e retábulos, os estuques e azulejos, as formas históricas – assim percebendo melhor o espírito do lugar, a chama de uma veia artística que vem dos arcanos pastores da Pré-História e não se extinguiu.

Escrevo ‘currente calamo’ e mão levantada, neste diário número duzentos e vinte e um. Comovo-me revendo-me a quarenta anos de distância, a calcorrear os vinte quilómetros de rio, a estudar as plataformas gravadas, a buscar nas serras e planaltos testemunhos arqueológicos contextualizadores desta arte. Neste exercício íntimo de escrever, que retomo todos os dias, quase de jacto para que as ideias fluam sem condicionalismo, não tenho receio de errar muito ou obnubilar factos; e perdoar-me-ão os lapsos, se os houver, e as omissões, que serão bastantes. Os destaques, esses, estão gravados na alma. É claro que esqueço dados: era mais fácil ir à estante e (pensei nisso) transcrever excertos dos meus diários de 1972 e de 1973, mas seria menos interessante. Seja como for, o Tejo foi uma escola de vida, um espaço de convívio adulto, de aprendizado e superação de limites, também de amores importantes (com a Teresa, mãe dos meus filhos Diogo e Leonor), a brisa dos fins de tarde a fazer

esquecer o cheiro putrefacto que vinha da fábrica de celulose, as luas cheiíssimas de Verão reflectindo o luar na água escura e recortando os montes do lado alentejano de Nisa. Devo muito ao Tejo, à «escola do Tejo» que o levantamento de arte rupestre me proporcionou. Depois, vieram outras paixões, a viragem do 25 de Abril e a política, o afã de mudar o mundo num sentido de justiça social, a utopia socialista e a cultura para todos, o calor frenético da mudança e das possibilidades abertas com o derrubamento do salazarismo; também esse era tema de debates calorosos entre o nosso grupo, por vezes a cavar divergências acentuadas, mas sempre num decidido empenho em que o país se tornasse melhor e que nós, ‘intelectuais comprometidos’, tivéssemos uma palavra a dizer em defesa do Património comum e da multiplicação democrática de saberes... A vida afastou-me do Tejo após 1975, e os estudos ficaram entregues ao grupo residual dos arqueólogos, o António, o Francisco, a Manuela, o Mário (e o Jorge enquanto pôde), que pelos vistos cumpriram a missão a preceito!

Quero dizer que conheci no Tejo estas pessoas extraordinárias (algumas delas notabilizadas pelos percursos científicos ulteriores) e que o que hoje sou traz a marca indelével desse convívio com pessoas e com arte rupestre. Por ironia, cheguei a coordenar na minha

Faculdade de Letras uma cadeira de licenciatura de Arte Pré-Histórica (ministrada pela Isabel Costa Lopes e João Cunha Ribeiro) onde o Tejo, naturalmente, está presente. Passaram quarenta anos. Entretanto, muito mais tarde, descobriu-se a arte rupestre do Vale do Côa, onde o António e seus companheiros tiveram já condições adequadas para travar uma barragem em nome da Cultura e da Arte, um património de dimensão mundial reconhecido pela UNESCO, algo que na situação de 1973, face à barragem de Fratel, simplesmente não se colocava... mas cumpriu-se o objectivo, mesmo assim, de levantar os dados e de os dar a conhecer, na certeza de que um dia emergirão, quando já não funcionarem as barragens (Fratel, Cedillo, Ocreza) por se terem tornado obsoletas... A arte rupestre, essa, sabe nadar -- parafraseando, em antítese, o famoso 'slogan' dos defensores do Côa contra o potentado da EDP. Outra coincidência que a arte do Côa proporciona neste momento em que passam quarenta anos sobre a descoberta das primeiras gravuras do Tejo: pois não é que acaba de ser apresentado o filme «30 000 anos», de Jean-Luc Bouvret e de Maya Rosa (produção Le Miroir e LX), onde as gravuras pré-históricas e a construção do Museu do Côa servem de mote para a análise da vida de uma comunidade, dos seus trabalhos, da pureza pristina da região, dos mistérios insondáveis do grande vale? A Maya não conheceu o Tejo,

claro, mas seus pais sim. Ela é filha de amigos queridos, a historiadora de arte Sylvie Deswarte e o poeta Alberto Rodrigues Machado da Rosa. Por eles, também um pouco da magia do vale do Tejo, santuário submerso de artistas pré-históricos, perpassa no documentário bellissimo sobre a arte e a vida no Côa

Tenho a dizer, enfim, que foi na 'escola do Tejo' que aprendi a conhecer-me como gente, conhecendo melhor os outros, os colegas, as posturas e diferenças, as tarefas e achados, comungando um interesse comum em saber mais. Estas são notas despreziosas de um percurso memorial de afectos. Tenho 'flashes' vivos de discussões acaloradas à noite na pensão da vila, na ponte sobre o castelo de Wamba que separa as Beiras do Alentejo profundo, dos longos caminhares e viagens de barco até São Simão e Cachão do Algarve, o silêncio habitado, cúmplice, face ao deslumbramento dos achados, as notas de campo, as tempestades repentinas e as trovoadas temíveis, a descoberta de aldeias perdidas, a fazer lembrar Buñuel, no Rosmaninhal ou Montalvão, que eram 'terras de fim de mundo', tudo com a brisa dos fins de tarde, o desejo de saber, o convívio, a fraternidade de grupo, o espírito aberto e aceso. Só posso mesmo, comovido, abraçar os promotores desta iniciativa – o Caninas e o

NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Quarenta anos depois...

Vítor Serrão

Henriques – de fixar a descoberta da arte do Tejo em 1971, quarenta anos volvidos, e para tal esboço estas notas soltas. É certo que haverá imprecisões pois, como disse, cito de cor, recorrendo ao que a memória sedimentou com relevante matiz cromática, e é isto o que retenho: os montes e vales, o caudal do rio turvo, as colinas secas e roqueiras, as fontes de água pura que matavam a sede, a calor fraterno dos colegas e, acima de tudo, a arte, a grande arte pré-histórica, uma arte maravilhosa, esforço anónimo e colectivo de comunidades que sabiam (quase como nós sabemos) a importância comunicativa da imagem, capaz de registar afectos, de congelar impressões, de abrir segredos, de divinizar elementos naturais, de projectar essa marca criadora nos amanhã... O peso da relatividade, do quão pequeno é o nosso contributo de saber mais, de quão imenso é o poder da dimensão artística dos mestres gravadores do Tejo face a tudo o resto, que é efémero, impreciso e breve, e se esfuma, eis uma das lições mais fortes que aprendi há quarenta anos.

Vítor Serrão

Historiador de arte

Professor da Faculdade de Letras de Lisboa



No barco de Ti Carepo (barqueiro e pescador residente em Perais), em primeiro plano, a caminho do Cachão de São Simão, António Martinho Baptista, de chapéu de aba larga, ao lado de Vítor Serrão, e atrás, António Carlos Silva e João Caninas, de chapéu branco (Setembro de 1973).

NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Quarenta anos depois...

Vítor Serrão



Em território espanhol, junto à barragem de Cedillo (oculta, à direita) e sobre a foz do rio Sever, em Agosto de 1973, no início de uma jornada de trabalho. Da esquerda para a direita, em torno do carro de serviço (FIAT), estão António Martinho Baptista, Helena Afonso e Jorge Pinho Monteiro.



Regresso de jornada de trabalho no Cachão de São Simão (Agosto de 1973). Luis Raposo, aos remos, António Martinho Baptista ao lado de Helena Afonso e, ao fundo, Teresa Marques com uma jovem visitante (Madalena Caninas).